

Percepções antirracistas sobre os atos antidemocráticos de 2023 no Brasil

Anti-racist perceptions about the 2023 anti-democratic acts in Brazil

Percepciones antirracistas de los actos antidemocráticos de 2023 en Brasil

Richard Santos¹

Universidade Federal do Sul da Bahia

Brasil

richardsantos@csc.ufsb.edu.br

Abstract: This essay analyzes the racially related issues around the terrorists who vandalized the buildings of the powers of the Brazilian State on January 8, 2023, in the country's capital, Brasilia, the class and race relations in the performance of the means of repression of the State, and still encourage the hypothesis that people from the countryside, middle-aged, white and from the middle class had and still have different treatment by security agencies when compared to citizens from the Minorized Majority. Finally, it complicates the analysis by pointing to the racial pasteurization of terrorists by the press associated with financial capital. For this brief and interpretative essay on the Brazilian reality at the time, we used three authors and their tools for exploring contemporary reality: Muniz Sodré, Brazil, Byung-Chul Han, South Korea; and Achille Mbembe, Senegal. Thus, the analysis of the episode was developed from the perspective that it is inserted in a territory of governance and geopolitics dominated by US interests, that there is a Brazilian national construction based on what Muniz Sodré classifies as “fascism of color,” and that society is uncivilized by possible mediations of the corporate media associated with neoliberal interests and turbo-capitalism; that, according to Achille Mbembe, this whole process of advancing communication technologies and neoliberal domination promotes the hyper-humanization of some and the dehumanization and brutalization of others (all non-whites). Also, consistent with Byung - Chul Han's perspective, the psychopolitics associated with neoliberal social mediation technologies are new power techniques applied in that episode by the financiers of terrorist acts.

¹ É pós doutor em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Doutor em ciências sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos da Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal do Sul da Bahia. Coordenador do Grupo de Pesquisa Pensamento Negro Contemporâneo, UFSB-CNPQ. Twitter @Bigrichardd. ID <https://orcid.org/0000-0002-7870-7554>.

Keywords:

Brutalism, Minorized Majority, Psychopolitics, Imaginary, Mediation

Resumo: Este ensaio analisa a racialidade relacionada aos terroristas que depredaram os prédios dos poderes do Estado brasileiro em 08 de janeiro de 2023, na capital do país, Brasília, a relação de classe e raça na atuação dos meios de repressão do Estado, e ainda fomenta a hipótese de que pessoas interioranas, de meia idade, brancas e da classe média tiveram e têm tratamento distinto, por parte dos órgãos de segurança, quando comparadas com cidadãos oriundos da Maioria Minorizada. Por fim, complexifica a análise apontando a pasteurização racial dos terroristas por parte dos órgãos de imprensa associados ao capital financeiro. Para este breve e interpretativo opúsculo sobre a realidade brasileira no período, nos valem de três autores e suas ferramentas exploratórias da realidade contemporânea: Muniz Sodré, Brasil, Byung-Chul Han, Coreia do Sul, e Achille Mbembe, Senegal. Assim, desenvolveu-se a análise do episódio à partir da perspectiva de que está-se inserido em território de governança e geopolítica dominada pelos interesses dos EUA; de que existe uma construção nacional brasileira baseada no que Muniz Sodré classifica como “fascismo da cor”, e de que a sociedade é incivilizada por possíveis mediações da mídia corporativa associada aos interesses neoliberais e do turbocapitalismo; de que, conforme Achille Mbembe, todo este processo de avanço das tecnologias da comunicação e dominação neoliberal promove a hiper humanização de uns e a desumanização e brutalização de outros (todos não brancos); e ainda que, coadunando com a perspectiva de Byung -Chul Han, a psicopolítica associada às tecnologias neoliberais de mediação social são novas técnicas de poder aplicadas naquele episódio pelos financiadores dos atos terroristas.

Palavras-chave:

Brutalismo, Maioria Minorizada, Psicopolítica, Imaginário, Mediação

Resumen: Este ensayo analiza las cuestiones raciales en torno a los terroristas que vandalizaron los edificios de los poderes del Estado brasileño el 8 de enero de 2023, en la capital del país, Brasilia, las relaciones de clase y raza en el desempeño de los medios de represión del Estado, y aún alientan la hipótesis de que las personas del campo, de mediana edad, blancas y de clase media tuvieron y tienen un trato diferente por parte de los organismos de seguridad en comparación con los ciudadanos de la Mayoría Minorizada. Finalmente, complica el análisis al señalar la pasteurización racial de los terroristas por parte

de la prensa asociada al capital financiero. Para este breve ensayo interpretativo sobre la realidad brasileña de la época, utilizamos tres autores y sus herramientas para explorar la realidad contemporánea: Muniz Sodré, Brasil, Byung-Chul Han, Corea del Sur; y Achille Mbembe, Senegal. Así, el análisis del episodio se desarrolló desde la perspectiva de que se inserta en un territorio de gobernanza y geopolítica dominado por intereses estadounidenses, que hay una construcción nacional brasileña a partir de lo que Muniz Sodré clasifica como “fascismo de color”, y que la sociedad es incivilizada por posibles mediaciones de los medios corporativos asociados a los intereses neoliberales y al turbocapitalismo; que, según Achille Mbembe, todo este proceso de avance de las tecnologías de la comunicación y la dominación neoliberal promueve la hiperhumanización de unos y la deshumanización y brutalización de otros (todos no blancos). Asimismo, en consonancia con la perspectiva de Byung-Chul Han, las psicopolíticas asociadas a las tecnologías neoliberales de mediación social son nuevas técnicas de poder aplicadas en ese episodio por los financiadores de los actos terroristas.

Palabras clave:

Brutalismo, Minoría Mayoría, Psicopolítica, Imaginario, Mediación

1. Introdução

Para uma melhor noção de como percebemos os atos terroristas do dia 08 de janeiro de 2023 no Brasil, nossa análise do que a imprensa inicialmente noticiou e o perfil divulgado dos presos pela Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Distrito Federal, SEAP-DF, consideramos importante iniciar retratando o que foi e o perfil dos manifestantes naquela ocasião, conforme divulgado pela imprensa local e nacional, e posteriormente o perfil dos presos conforme dados da SEAP-DF.

De acordo com notícias veiculadas em jornais impressos de grande circulação, naquele mês de janeiro, como “Correio Brasiliense”, “O Globo” e Folha de São Paulo, coadunando com emissoras de televisão como “Globo News”, os atos ocorridos no dia 08 de janeiro de 2023 foram marcados por invasões e vandalismo em prédios públicos, como o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, além de agressões a jornalistas e policiais. Foram realizadas diversas prisões relacionadas aos acontecimentos do dia. Ainda, segunda a narrativa dos veículos citados, não haveria um perfil único dos presos, mas os relatos indicariam que muitos deles seriam jovens, em sua maioria homens, ligados a grupos de extrema direita e apoiadores do ex-presidente derrotado nas urnas, Jair Messias Bolsonaro. Alguns deles possuiriam histórico de envolvimento em grupos radicais e em ações violentas.

Existiriam ainda relatos de que muitos dos presos não seriam manifestantes habituais, tendo sido incentivados a participar dos atos através de grupos políticos organizados nas redes sociais.

Este contexto é um breve resumo do que encontramos na imprensa da época. Note-se, sem qualquer contextualização racializadora das pessoas presas por atentarem contra a democracia. Racialização esta costumeira na imprensa brasileira quando reportando o perfil de possíveis infratores da lei oriundos das periferias e favelas brasileiras, o que classificamos como sendo os “Campos da Maioria Minorizada – Territórios negros” (Santos, 2020).

Importante ressaltar que as investigações estão em andamento e, portanto, as informações disponíveis ainda podem ser atualizadas e aprofundadas. Enquanto escrevo este ensaio vimos² o Supremo Tribunal Federal, STF, dar início ao julgamento dos terroristas detidos.

No âmbito dos dados divulgados³ pela SEAP-DF, observa-se que dos 1.193 nomes de detidos pelos atos terroristas, deste total, 10 pessoas não apresentam data de nascimento. Assim, das 1.183 restantes, 494 são mulheres e 699 são homens. Uma pessoa tem idade inferior a 18 anos e a mais velha tem 86 anos completos. A idade mínima média é de 18,5 anos e a máxima de 74,8 anos. São 68,1% das pessoas aquelas que têm entre 40 e 60 anos e 36,8% as que têm entre 45 e 55 anos. Desta forma, conclui-se que a maior parte das pessoas detidas é formada por pessoas de meia idade, não jovens. Por fim, a média de idade das mulheres é de 46,3 anos e a dos homens é de 44,6 anos.

Desta forma, observamos que as pessoas detidas pelos atos terroristas são pessoas de meia idade, com um significativo equilíbrio de gênero, e possivelmente impactadas pelos discursos, ações e informações falsas disseminadas nas redes sociais durante o período de governo de Jair Bolsonaro. Observa-se também que o relatório com os dados dos detidos não apresenta perfil racial. Seria aí a única coincidência entre a narrativa da mídia corporativa e os dados informados pela secretaria de Administração Penitenciária do Distrito Federal. Informações casuisticamente desprovidas de perfilamento racial, quando isso é algo de grande incidência da mídia brasileira. Quando não branco, aponta-se, divulga-se e desumaniza-se com extrema celeridade este “outro” indesejável. Lourenço Cardoso (2020) tem uma análise sócio-histórica deste processo no Brasil, o que não é nosso objetivo neste momento.

² <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2023/04/18/stf-inicia-julgamento-de-denuncias-contra-envolvidos-em-atos-golpistas.htm> Visualizado em 18/04/2023

³ <https://seape.df.gov.br/prisoos-dos-atentados-bsb/> Visualizado em 15/04/2023

Conforme aponta o “Relatório Conjunto de Monitoramento de Direitos Humanos⁴”, produzido pela Defensoria Pública da União (2023), documento específico para publicizar os dados de acompanhamento das pessoas detidas no 08 de janeiro de 2023, “não haviam pessoas algemadas, todas as pessoas tinham acesso aos aparelhos celulares, dialogavam entre si e dispunham de equipes de pessoal e ambulância para atendimentos médicos” (p. 6). Note-se que o relatório também não informa o perfil racial dos detidos, ainda que informe o levantamento que constatou a não prisão de pessoas do seguimento LGBTQIA+.

Ora, que este tratamento deve ser elogiado pelo alto grau de humanidade e respeito no trato com as pessoas que promoveram o terrorismo na Capital federal, é fato. Porém, não deveria ser direito de todas as pessoas cidadãos gozarem de seus direitos independente de classe, gênero e raça? Deste modo que trazemos a pergunta problema para este ensaio: Porque a diferenciação de trato e atenção para estas pessoas sob custódia do Estado, presas em flagrante ao atentarem contra o regime democrático? Como é possível tamanha distinção de tratamento entre pessoas detidas cujo perfil já citamos acima e a massa de gente encarcerada historicamente? Por que o silêncio da mídia corporativa sobre esses dados não coletados?

Quiçá, o que cunhamos como branquitude (Santos, 2021) explique esta abjeta relação. Ainda é possível nos debruçarmos sobre os escritos de Achille Mbembe para compreender esta diferenciação de tratamento e sua relação com a colonialidade dos corpos negros, a negritude e a permissividade dada às pessoas brancas.

2. Brutalismo e Necropolítica – A construção do “outro”

Ao que Mbembe argumenta que a negritude é uma experiência política e histórica que se relaciona com a história do colonialismo, da escravidão e da luta pela emancipação e pela igualdade, é possível informarmos que este imaginário político associado a negritude nos faz enxergar códigos comunicacionais e signos da branquitude que não estão escritos, mas são praticados pelos meios midiáticos em associação com os governantes locais.

Mbembe (2017) usa o termo "o outro não branco" para se referir àqueles que foram subjugados e colonizados pelo sistema branco ocidental, especialmente aqueles de ascendência africana. Ele argumenta ainda que a negritude é uma identidade política

⁴ Veja o relatório completo em: <https://static.poder360.com.br/2023/01/relatorio-8-de-janeiro.pdf> Acesso em 15/04/2023.

construída em oposição ao domínio branco ocidental e que o "outro não branco" é aquele que ainda que esteja fora do domínio branco, também é afetado por ele.

Para o teórico e pensador senegalês, a categoria "o outro não branco" é importante porque destaca a centralidade da raça na construção da identidade e da política. Ele argumenta que a raça é uma categoria socialmente construída que foi usada para justificar a exploração, a dominação e a violência contra aqueles que foram considerados inferiores. Por meio da negritude, ele busca desafiar essas hierarquias raciais e promover uma visão mais justa e igualitária da sociedade. É nesta perspectiva de compreender as relações entre negritude e branquitude, que compreendemos como Achille Mbembe articula os conceitos de "Necropolítica" (2017) e "brutalismo" (2021).

A necropolítica seria uma forma de poder que se concentra no controle da morte e da vida. Ela se refere às práticas políticas que têm como objetivo não apenas matar, mas também controlar e gerenciar a vida e a morte das pessoas, especialmente aquelas consideradas "descartáveis" ou "excedentes" pela lógica do capitalismo global. A necropolítica é um conceito que Mbembe utiliza para analisar o colonialismo, o racismo e a guerra, bem como a forma como o poder se manifesta em nossas sociedades contemporâneas.

O brutalismo, por sua vez, é uma estética arquitetônica que surgiu no pós-guerra, especialmente nos anos 1950 e 1960, e se caracteriza pelo uso de formas geométricas simples, concreto aparente e estruturas expostas. Em sua obra, Mbembe utiliza o termo "brutalismo" para se referir a uma estética de brutalidade que é mais ampla do que a arquitetura. Ele argumenta que a estética brutalista é uma expressão visual da necropolítica, que se manifesta em todos os aspectos da vida social, desde a arquitetura até a política. Aponta ainda que a estética brutalista e a necropolítica são inseparáveis, já que ambas compartilham a mesma lógica de controle e poder sobre a vida e a morte. Sugere assim que o brutalismo é uma expressão visual da violência que está no cerne da necropolítica, e que a análise dessas formas de poder e estética pode nos ajudar a entender melhor as sociedades contemporâneas e a lutar contra a injustiça e a opressão.

Ora, não seria por esse caminho o melhor trajeto analítico para compreendermos as abordagens sobre o fatídico 08 de janeiro de 2023 pela mídia e pelo governo, desde a pasteurização racial dos detidos no evento? Porém, também é possível projetar percepções sobre o ato terrorista na perspectiva do que Muniz Sodré (2021) cunha como "sociedade incivil" guiada pelos dispositivos tecnológicos que promovem um ethos midiático dentro

de uma nação onde o “fascismo da cor” (Sodré, 2023) é parte dominante da histórica formação nacional, criando o “bios-midiático”⁵(Sodré, 2002) racista.

3. Sociedade Incivil e Bios midiático

Sodré, usa o termo "sociedade incivil" para descrever um tipo de sociedade que está marcada por uma série de características, tais como:

1. Desigualdade social e econômica: A sociedade incivil é marcada por uma grande desigualdade social e econômica, com uma pequena elite dominante controlando a maior parte dos recursos e oportunidades, enquanto a maioria da população vive em condições precárias.
2. Fragmentação social: A sociedade incivil é caracterizada por uma fragmentação social, com grupos e comunidades que não se comunicam ou se relacionam entre si, o que leva a um enfraquecimento dos laços sociais e da solidariedade.
3. Violência e insegurança: A sociedade incivil é marcada pela violência e pela insegurança, com altas taxas de criminalidade e violência, o que leva a um clima de medo e desconfiança entre as pessoas.
4. Ausência de valores e ética: A sociedade incivil é caracterizada pela ausência de valores e ética, com uma cultura que valoriza o individualismo, a competição e a busca pelo lucro a todo custo, em detrimento do bem comum e do interesse coletivo.
5. Política autoritária e corrupta: A sociedade incivil é marcada por uma política autoritária e corrupta, com elites políticas e econômicas que usam o poder para manter seus privilégios e interesses, em detrimento da democracia e da justiça social.

Em resumo, para Sodré, a sociedade incivil é uma sociedade marcada por profundas desigualdades, fragmentação social, violência, falta de valores e ética, e uma política autoritária e corrupta.

Percebam que esse é um quadro do Brasil nos últimos anos, que, associado aos interesses do mercado financeiro e da mídia corporativa, a elite política nacional orquestrou o Golpe de Estado contra a Presidenta Dilma Rousseff⁶, a retração de direitos civis iniciadas

⁵ O conceito de Bios midiático desenvolvido por Muniz Sodré oferece a possibilidade de análise e compreensão da influência midiática na sociedade contemporânea.

⁶ O processo de impeachment de Dilma Rousseff teve início em 2 de dezembro de 2015, quando o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha deu prosseguimento ao pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. Com uma duração de 273 dias, o caso se encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma. Para mais informações, acesse: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil> Visualizado em 17/04/2023

no governo golpista Michel Temer, o que culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, cuja não reeleição em 2022, e os ataques e notícias falsas durante o seu mandato foram combustível inflamável dos atos terroristas acontecidos no mês de janeiro de 2023.

Não obstante, é também Sodré (2002) que discute a importância da comunica o para a constru o da identidade individual e coletiva. Em “Antropológica do espelho”, argumenta que a comunica o   fundamental para a constitui o da cultura, pois   através dela que os indivíduos se relacionam entre si e com o mundo, criando sentidos e significados.

Deste prisma poderíamos considerar que o não comunicado, caso do perfil racial dos detidos, e o comunicado, como as condi oes de tratamento dados aos presos pelos atos terroristas, comunicam e significam as diferenças de classe e raça das pessoas envolvidas, mais ainda, informam os corpos fronteiriços permitidos (brancos) e os fronteiriços não permitidos a cidadania global, negros⁷.

4. Corpos transfronteiriços

Deste espectro aqui desenhado, qui a possamos associar a diferencia o de visibilidade entre as condi oes das pessoas presas nos atos terroristas e a massa carcerária brasileira, predominantemente negra, ao que Achille Mbembe (2021) caracteriza como “corpos transfronteiriços” (p. 75). Estando esta massa carcerária associada ao “outro” indesejável e cujos corpos seriam descartáveis.

Assim que Mbembe discute em seus escritos a ideia de "corpos transfronteiriços", que se refere aos corpos que estão além das fronteiras geográficas e políticas estabelecidas pelos Estados-na o.  queles cujos signos de subalterniza o e inumanidade viajam no tempo histórico   partir da coloniza o das Américas, do processo escravocrata e de domina o colonial. Os corpos transfronteiriços são corpos que foram expulsos, sequestrados ou deixaram seus locais de origem em busca de novas oportunidades ou refúgio. Esses corpos incluem migrantes, refugiados, exilados e outras pessoas que estão em trânsito ou vivendo em situa oes precárias fora de suas terras natais. Pessoas não brancas.

Mbembe argumenta ainda que, em muitos casos, os Estados-na o não conseguem lidar adequadamente com esses corpos transfronteiriços, o que leva a situa oes de violência, discrimina o e explora o. Destarte, a media o dos países têm sido resultado do que Sodré

⁷ Pesquisa do Conselho nacional de Justiça revela que cerca de 63,7% da popula o carcerária brasileira   formada por negros. Ver mais em: <https://www.cnj.jus.br/o-encarceramento-tem-cor-diz-especialista/#:~:text=%E2%80%9CCerca%20de%2063%2C7%25,brasileira%20C3%A9%20formada%20por%20negros>. Visualizado em 11/04/2023

(2002) classifica como Bios midiático e Mbembe (2021) de tecnolatria, o que geraria corpos permitidos e positivamente identificáveis e outros não permitidos e invisibilizados, invisibilizados pois apagados e executáveis nas mãos dos agentes do Estado⁸.

Neste prisma que é possível inserirmos nesta cotejamento analítico a perspectiva do pensador Coreano Byung-Chul Han, quando nos informa que essas mediações que geram governança e humanidade para uns e inumanidade para outros é parte de um novo modelo de dominação e poder neoliberal, que ele classifica como “psicopolítica”, esta orquestração psicopolítica onde as plataformas de mídia são essenciais, geram a eliminação do outro, o desaparecimento do não igual, a bolha proliferada dos iguais, e assim a permissão da negatividade e violência sobre o desigual invisibilizado.

5. Orquestrações psicopolíticas no desaparecimento do “outro”

Na sua obra "Psicopolítica: Neoliberalismo e Novas Técnicas de Poder", Han (2018a) discute como a política contemporânea usa técnicas psicológicas para controlar as pessoas de maneira sutil e invisível. Ele argumenta que a psicopolítica é uma forma de poder que busca controlar os indivíduos por meio da sua subjetividade, ou seja, por meio de suas emoções, pensamentos e desejos. Han aponta ainda que, enquanto a política tradicional usava a coerção e a violência para controlar as pessoas, a psicopolítica busca manipular através das plataformas comunicacionais as emoções e os desejos dos indivíduos para que eles próprios se controlem e se ajustem às demandas da sociedade.

Segundo o autor, a psicopolítica é uma consequência do neoliberalismo, que coloca o indivíduo como responsável pelo seu próprio sucesso e felicidade. Ele argumenta que o neoliberalismo criou uma sociedade em que o indivíduo é forçado a competir constantemente e a se adaptar às demandas do mercado, o que leva a um estado de exaustão e desespero.

Para Han, a solução para a psicopolítica é a criação de uma nova forma de política baseada no cuidado e na solidariedade. Ele defende a necessidade de uma política que valorize a vida humana em vez de se concentrar no sucesso e na produtividade, e que leve em conta a vulnerabilidade e a fragilidade dos indivíduos. Além disso, aponta a importância de uma educação crítica que possibilite a reflexão e a resistência aos discursos manipuladores da psicopolítica.

⁸ Pesquisa de 2022 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que na última década 408,615 pessoas negras tiveram mortes por violência letal no país. No mesmo período a redução na morte letal de pessoas brancas foi de 26,5%, enquanto a morte letal de pessoas negras teve aumento de 7,5%. Para mais, acesse: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/11/infografico-violencia-desigualdade-racial-2022.pdf> Visualizado em 18/04/2023

Ora, numa sociedade ocidental racializada, fica a questão: como definir esse acesso a educação crítica e humanização generalizada de todos os seres humanos independente de classe, raça ou gênero? E, ainda dialogando com Sodré (2023), que informa que a sociedade brasileira é formada à partir do “fascismo da cor”, cuja indústria comunicacional têm grande significância para este fascismo racial à brasileira, como não comparar o direito dados às pessoas brancas que comentem crimes em relação às pessoas negras?

6. Percepções inconclusivas

Talvez, para iniciarmos o que chamaríamos de conclusão final do ensaio, ainda que de forma abstrativa e inconclusiva, poderíamos continuar com Byung-Chul Han que tem escrito bastante sobre a relação entre sociedade, percepção e comunicação na contemporaneidade. Em suas obras, ele aponta que a tecnologia e a cultura digital têm mudado profundamente a forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros. Para Han, a sociedade contemporânea é marcada por uma excessiva visibilidade, onde tudo é exposto e comunicado em tempo real pelas redes sociais e pela mídia digital. Ele argumenta que isso tem levado a uma "fusão" do sujeito com o objeto, onde a percepção individual se dissolve na comunicação coletiva.

Além disso, Han (2022, 2018b) aponta que a comunicação digital tem levado a uma "banalização" da linguagem, onde as palavras e imagens são desprovidas de profundidade e significado, sendo utilizadas por governantes da extrema direita, militantes radicais e pelo mundo do crime cibernético para arregimentar pessoas e ações como numa espécie de “Enxame”, outro termo de Han para categorizar a realidade contemporânea e que poderíamos associar às ações terroristas do 08 de janeiro. Ele argumenta que isso tem levado a uma "depressão linguística" na qual as palavras não são mais capazes de expressar emoções e sentimentos verdadeiros.

Para Han (2022), é necessário resgatar uma forma de comunicação mais autêntica e significativa, que leve em conta a singularidade e a subjetividade do indivíduo. Ele defende a necessidade de uma reflexão crítica sobre a tecnologia e sua influência na comunicação e na percepção, a fim de criar uma forma de sociedade mais humana e solidária.

De outro modo, também desde o SUL global, Muniz Sodré (2002) indica que estamos vivendo o período do “turbocapitalismo”, onde as características e os impactos do atual estágio do capitalismo, que é caracterizado por uma aceleração e intensificação dos processos econômicos, sociais e culturais, seria uma forma de capitalismo desenvolvida a partir dos anos 1980, impulsionado pela globalização, pelas novas tecnologias de comunicação e pelo

neoliberalismo. Essa forma de capitalismo se caracteriza pela velocidade e intensidade das transações financeiras, pela especulação desenfreada, pela concentração de riqueza e poder em poucas mãos e pela transformação de tudo em mercadoria. A mercantilização da vida e a ossificação dos corpos negros, coaduna Achille Mbembe (2021).

Sodré também destaca que o turbocapitalismo gera uma crescente desigualdade social e econômica, uma vez que os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Além disso, ele argumenta que essa forma de capitalismo é responsável por crises econômicas frequentes e por uma crise ambiental global, uma vez que promove o uso intensivo de recursos naturais e a produção em larga escala de bens de consumo, muitas vezes desnecessários.

Em resumo, Muniz Sodré vê o turbocapitalismo como um sistema econômico e social insustentável, que tem efeitos negativos profundos na vida das pessoas e do planeta como um todo. Ele propõe uma reflexão crítica sobre esse modelo e sugere a busca por alternativas que promovam a justiça social, a igualdade e a sustentabilidade.

Vejam que até aqui, de seus diferentes lócus de enunciação, percepções de mundo e ferramental teórico, temos três pensadores contemporâneos, oriundos do sul global, nos ajudando a refletir sobre o período em que estamos vivendo a dominância das máquinas, a aceleração da vida virtual, a implantação do “Bios midiático” e a capitulação dos diferentes frente a uma ditadura dos “iguais”. Por fim, é possível afirmarmos que o que une estes três pensadores que nos proporcionaram um breve ferramental para desenvolvimento deste ensaio, é sua crítica ao neoliberalismo. Neste sentido, a percepção de Achille Mbembe sobre este sistema de dominação é ilustrativa do que dizem o brasileiro e o coreano em seus escritos.

Mbembe que tem seus ensaios mediados pela crítica ao neoliberalismo, se destaca ao apontar o sistema neoliberal por sua ênfase no individualismo e na maximização do lucro, que ele vê como uma ideologia que favorece o capitalismo em detrimento da democracia e dos direitos humanos. Argumenta ainda que o neoliberalismo aumentou a desigualdade globalmente, enfraqueceu os direitos trabalhistas e contribuiu para a precarização do trabalho. Não seriam exatamente estas as políticas de precarização dos direitos conquistados e de lobotomia social que vimos desde o golpe de 2016 sofrido pela presidenta Dilma Rousseff e acentuado com a gestão Bolsonaro?

Mbembe também critica a forma como o neoliberalismo influenciou as políticas governamentais em todo o mundo, resultando em cortes nos gastos sociais e no desmantelamento do Estado de bem-estar social. Ele acredita que o neoliberalismo promove

uma cultura de consumismo e individualismo, que origina grave ameaça à solidariedade e à cooperação social, coadunamos com ele.

Ora, a redução sociológica, aduzindo aqui a proposta do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos (1996), proporcionada por Achille Mbembe sobre as influências do sistema neoliberal para dominação, é ilustrativa e coaduna com que os demais citados apresentam de crítica ao neoliberalismo e seus sistema midiático-financeiro.

Deste modo que compreendemos os atos terroristas de 2023 no Brasil, a pasteurização racial de seus propagadores, e o silenciamento da mídia como de interesse histórico no âmbito da realidade social brasileira.

7. Referências

- Cardoso, L. (2020). Branquitude e Justiça: Análise sociológica através de uma fonte jurídica: Documento técnico ou talvez político? *Journal of Hispanic and Lusophone Whiteness Studies (HLWS)*, 1, 84-106. <https://digitalcommons.wou.edu/hlws/vol1/iss2020/6>
- Defensoria Pública da União. (2023). *Relatório Conjunto de Monitoramento de Direitos Humanos*. <https://embed.documentcloud.org/documents/23584864-relatorio-conjunto-monitoramento-direitos-humanos/?embed=1&responsive=1&title=1>
- Han, B. C. (2022). *A Expulsão do Outro: Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje* (L. Machado, Trad.). Editora Vozes.
- Han, B. C. (2018a). *Psicopolítica- O neoliberalismo e novas técnicas de poder* (M. Liesen, Trad.). Editora Âuiné.
- Han, B. C. (2018b). *No exame: perspectivas do digital* (L. Machado, Trad.). Editora Vozes.
- Mbembe, A. (2021). *Brutalismo* (S. Nascimento, Trad.). Nº 1 edições.
- Mbembe, A. (2017). *Políticas da Inimizade* (M. Lança, Trad.). Antígona.
- Ramos, G. A. (1996). *A redução sociológica* (3ª edição). Editora da UFRJ.
- Santos, R. (2021). *Branquitude e Televisão: a Nova África (?) na TV Pública* (2ª edição). Editora Telha.
- Santos, R. (2020). *Maioria Minorizada – um dispositivo analítico de racialidade*. Editora Telha.
- Sodré, M. (2023). *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Vozes.
- Sodré, M. (2021). *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças* (1ª Edição). Editora Vozes.
- Sodré, M. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede* (1ª Edição). Editora Vozes.